



FACONNECT / A CASA TOMBADA

Gizele de Moraes Panza

A CURA NOS CONTOS

Ressonâncias entre memórias e o poder curativo dos contos

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu **NARRAÇÃO ARTÍSTICA: CAMINHOS PARA CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO URBANO** apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em **NARRAÇÃO ARTÍSTICA**, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno e da Profa. Ms. Letícia Liesenfeld Erdtmann, com co-orientação do Prof. Ms. Josiley Francisco de Souza e da Profa. Ms. Simone Grande, e as leitoras Ms. Elisângela Alves Silva e Profa. Débora Kikuti.

**São Paulo/SP
2023**

RESUMO

O presente estudo aborda o poder terapêutico dos contos a partir de uma experiência pessoal de leitura de um conto de tradição oral e de memórias da autora relacionadas à sua avó paterna, buscando ressonâncias entre esses relatos de experiências e as contribuições de Alessandra Giordano, Clarissa Pinkola Estés, Margarida Baird e Nancy Mellon, sobre o poder curativo inerente às histórias.

Palavras-chave: contos que curam, arteterapia com contos, histórias curativas, contação de histórias, memória.

Abstract: The present study addresses the therapeutic power of stories based on a personal experience of reading an oral tradition tale and the author's memories related to her paternal grandmother, seeking resonances between these accounts of experiences and the contributions of Alessandra Giordano, Clarissa Pinkola Estés, Margarida Baird and Nancy Mellon, about the healing power inherent in stories.

Key words: tales that heal, art therapy with tales, healing stories, storytelling, memory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. MITO DE ORIGEM.....	7
3. PERCURSO NA A CASA TOMBADA.....	10
4. O CONTO REMÉDIO.....	13
5. MEMÓRIAS DE VÓ DORA.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Caminante son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino:
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estelas en la mar.

Antonio Machado - Poeta Andaluz - 1875-1939

Há algo nas histórias! Essa força sutil que atravessa as paredes, passa por campos, cidades e continentes, sobrevive às guerras e às tempestades ignorando as regras do tempo e do espaço.

Essa energia potente que conecta gerações, permite às vozes ecoarem através do tempo, dos corpos e das emoções, vem nos dizer que ainda há muitas histórias para se contar e infinitas possibilidades de viver a vida.

Essa força que reside nas histórias há tempos me cativa e pergunto o que é que acontece conosco quando as histórias nos tocam? Para mim é como receber uma massagem de palavras, orquestradas entre pausas e movimentos, que me lava e leva embora o peso, e faz desaparecer, por alguns instantes, as angústias e as dores, assim, costumo sair da paisagem de uma história em um estado emocional diferente do que quando entrei.

Algumas vezes com mais equilíbrio emocional, outras com a sensibilidade à flor da pele, outras ainda em estado de questionamento, ou com a alma lavada.

Compreendo, então, que acontece uma troca generosa e profunda dentro de mim, deixo ir, deixo estar, permito transformar e recebo essa força imensa que envolve tanta coisa, que não cabe em uma palavra ou definição, mas é possível tocá-la com as emoções em meu campo imaginário.

Atuo como contadora de histórias desde 2011 e pude ver, no decorrer desse tempo, por muitas vezes, o brilho que se acende nos olhos das pessoas ao ouvirem uma história, ao passo que eu, como narradora, também sou tomada por essa força que encanta e me transporta para outra dimensão, e acessar esse lugar da conexão, do encontro, da imaginação é tão bom, me faz tão bem, a ponto de não querer parar de ouvir e de contar histórias.

E, para além de minha atuação como narradora de histórias, também sou uma entusiasta das técnicas terapêuticas como o Reiki, Benzimento, Barras de Access, entre outras. O universo das energias curativas me fascina e sou constantemente convidada (por mim mesma) a experimentá-las, em busca de bem-estar e alegria.

Essas percepções foram as guias que me ajudaram a, aos poucos, abrir caminho e fazer as escolhas que permeiam este trabalho.

Soma-se a isso meu objetivo principal ao ingressar no curso de pós-graduação **NARRAÇÃO ARTÍSTICA: caminhos para contar histórias em contexto urbano** pela **A Casa Tombada**: desde 2013 eu narro histórias em dupla, pela Trupe BorboLetras¹, na qual sigo junto com Alba Brito, minha incrível parceira de criações, de músicas e de muitas histórias, e nesse processo de 10 anos de criação coletiva, senti a necessidade de ampliar a compreensão sobre minha individualidade criativa, de delinear um pouco mais a minha assinatura artística enquanto narradora de histórias.

Compreendi que um caminho possível que me ajudaria a ampliar esta proposta seria seguir as trilhas das minhas próprias experiências de vida, portanto, elas são a base a partir da qual desenvolvi o pensamento sobre o poder dos contos neste trabalho.

Para o desenvolvimento dos textos, inicio com o meu mito de origem. Texto produzido como um exercício das aulas da pós-graduação e reelaborado para este trabalho, que servirá para situar a leitora ou o leitor sobre minha trajetória como artista desde a infância.

Na sequência trago um breve relato sobre o meu percurso no curso da pós-graduação, expondo pontos importantes que me trouxeram até a feitura deste trabalho e compartilhando experiências que acredito que orientaram a construção do pensamento ao trilhar este caminho.

Em seguida trago um relato de uma experiência que vivenciei com a leitura de um conto que foi muito marcante, onde percebi o poder do conto atuando sobre mim. Busco ampliar a minha compreensão sobre o fenômeno vivenciado amparada

¹ A TRUPE BORBOLETRAS é uma empresa artística que nasceu em 2013 fundada pelas artistas Alba Brito e Gizele Panza, tendo sua pesquisa alicerçada no brincar e nas linguagens da música, do teatro e da contação de histórias e sua produção artística voltada para crianças. Nossa missão é oferecer momentos de diversão, acolhimento, interatividade e ludicidade, por meio dos nossos espetáculos, para incentivar o encantamento para a leitura, promover o bem estar e o empoderamento das nossas crianças. INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/trupeborboletras/>

nas pesquisas e contribuições de Alessandra Giordano, Clarissa Pinkola Estés, Margarida Baird, Nancy Mellon e Rosane Pamplona.

Posteriormente disponibilizo memórias que habitam minha trajetória de vida a partir das relações com minha avó paterna, a Vó Dora, que foi quem me ofereceu amorosamente as primeiras sementes narrativas e de experimentação artística. Um dos encontros com minha avó também foi um disparador para a feitura deste trabalho.

Este estudo não tem a pretensão de revelar uma verdade irrefutável ou trazer uma grande inovação. Meu objetivo aqui é conectar experiências pessoais com pensamentos de outras pessoas para ampliar a percepção sobre o poder dos contos e sobre minha formação como artista da palavra e da cena.

2. MITO DE ORIGEM

Meu pai me contou que a primeira palavra que eu disse quando criança foi “mãe”, a segunda palavra foi “pai”, e a terceira palavra que aprendi, era repetida com graça, infinitas vezes, e vinha sempre em resposta à seguinte pergunta:

- o que você tá aprontando aí menina?

Eu respondia:

- ARTE! ARTE! ARTE!

Fazia cara de sapeca, como quem vai aprontar uma arte das boas, e saía correndo espalhando a minha arte pelo mundo.

Nasci e cresci na roça. Essa terra que exala perfume com a chuva, essa em que pisam nossos pés e nos conecta a tudo e a todos, essa terra que provê alimento e nos sustenta.

Coisa boa poder crescer como gente que brinca, com os pés descalços na terra!

E durante toda minha infância fui arteira de mão cheia, brincando na terra, ficando minhas raízes em solo fértil, em terra boa de plantar.

Eu vivia o meu tempo exercendo o meu importante ofício de ser arteira. É uma grande função, devo ressaltar.

Para mim, a função de arteira é como quando a gente joga para cima um balão, uma bexiga cheia de sopro, e se ocupa com dedicação para sustentar esse balão no ar. Como quando jogamos a pedrinha e pular a amarelinha vira uma questão urgente de vida. Muitas vezes a função de arteira é tida como um despropósito à utilidade, mas é assim que eu encontro o suporte à vida. Essas são, para mim, algumas imagens que inventam a profissão de arteira.

Entre uma arte e outra, minha avó me contava algumas histórias, todas de dar medo! Talvez os interiores do Brasil tenham essa tônica encantada da assombração, do lobisomem, do boi amaldiçoado, do homem do saco. E tinha também a nossa imaginação que crescia que era uma beleza, regada de água da bica, cantos de maritacas e curiós, mangas e jabuticabas colhidas direto do pé e melzinho das flores.

Uma vez inventei de criar uma história de um dragão que engolia tudo. Um bicho imenso, esfomeado, comia os pratos, a panela e a casa inteira. Mas ele gostava mesmo era de comer gente, porque tinha um gostinho bom de sonho e

parecia que ele estava me devorando aos poucos, porque cada vez mais, eu sonhava menos. Vou explicar:

Quando eu completei 11 anos, a minha família foi morar na cidade. A vida na roça não bastava para suprir aquele sonho de uma vida melhor, vendido na TV. E a gente foi em busca desse sonho. Nós nos mudamos para uma cidade que ficava a seis quilômetros de distância da fazenda.

Ainda tinha um quintal pequeno para brincar, mas as minhas aventuras foram aos poucos acabando, fui crescendo e deixando a roça para trás, tão longe, mas tão longe, que as memórias se transformaram em uma narrativa de uma infância miserável e pobre, e nada mais.

Quando completei 13 anos, minha família deu mais um passo em direção ao grande sonho de uma vida melhor, de oportunidades e de um pouco mais de dignidade. Nós nos mudamos para São Paulo. Já tínhamos familiares na cidade, foram um ponto de apoio importante.

E nessa cidade imensa eu me perdi daquela criança arteira. Entrei no curso técnico e comecei a trabalhar com 14 anos.

Meus sonhos e meu ofício de ser arteira foram completamente sugados pelo dragão engolidor e isso mudou completamente a paisagem da minha vida. Meus pés agora pisavam o cinza do cimento e era nele que tinha que me equilibrar, tive que encarar a tal realidade concreta e seguir adiante, sempre em frente.

A nova vida me imprimia necessidades e responsabilidades que não faziam sentido. Às vezes parecia que pra eu ser uma pessoa responsável, tinha que fazer o oposto daquilo que mais gostava de fazer. Eu queria ser responsável, só não queria estar tão triste.

Eu levei essa angústia no coração por muito tempo, e só seguia a vida. Até que num determinado momento, ficou insuportável, então rasguei a barriga do dragão e resgatei a menina arteira de uma vez por todas.

Comecei com as artes manuais que aprendi com minha avó Dora, fui fazer teatro e depois comecei a contar histórias. Fui quebrando tijolo por tijolo desse muro que construí. Em cada escolha fui seguindo meu coração! Anos foram necessários para que eu voltasse a ser uma arteira novamente. Virei artista! Contadora, amadora, criadora, atuadora, espalhadora, profissional em pulverizar histórias e maravilhas.

Nesse caminho, fiz as pazes com a roça! As memórias ganharam outras cores e percebi a riqueza que foi essa infância de arteira.

Dou graças e vivas aos meus pais e à minha avó Dora, por serem teimosos, herdei deles a teimosia, (ou seriam persistentes?), por sempre me incentivarem a ser arteira e a não desistir de sustentar meus balões no ar.

3. PERCURSO NA A CASA TOMBADA

As experiências que vivenciei neste curso de pós-graduação foram indicando suavemente o caminho a seguir para a maturação destes escritos. O percurso aqui seguirá o fluxo das minhas memórias e das conexões que fiz na trajetória do nosso comboio.

Logo na aula inaugural, foi proposto um primeiro exercício às pessoas participantes: escrever para alguém, descrevendo com profundidade sobre quem é você.

Depois as pessoas foram convidadas a ler o que escreveram. E ouvimos por quase uma hora as leituras de pequenas narrativas sobre cada pessoa ali presente.

Ao final Giuliano Tierno e Letícia Liesenfeld Erdtmann, coordenadores do curso que conduziam o encontro, também narraram cada um uma história.

Mesmo à distância (encontro virtual), um silêncio acolhedor tomou conta de mim. Tivemos neste dia uma amostra do poder das histórias e das palavras sobre as pessoas, em transpor barreiras, superar distâncias e transformar o seu estado emocional.

Giuliano finalizou o encontro dizendo que o objeto do nosso estudo a partir dali seria a narração de histórias, e perguntou: “- o que é isso que fazemos tão bem, pois contamos tantas histórias que adensaram a nossa noite? o que fizemos aqui que trouxe uma camada da gente dessa qualidade? o que tocamos ao narrar as histórias? o que foi que fizemos aqui com as palavras?”.

Naveguei pela trajetória do curso com essas perguntas ecoando em mim. Em vias de finalização do cronograma de aulas ficamos todas e todos com saudade antecipada, querendo que o tempo se alargasse para que essa trajetória ainda não tivesse fim, pois cada encontro trouxe em si essa suspensão, essa qualidade de presença gerada pela disposição das pessoas ali presentes em experimentar afetos, em ouvir e partilhar saberes, carregando na bagagem coletiva o amor pelas histórias e pela oralidade.

Em busca de outras pistas revisei os textos que escrevi na trajetória do curso. O primeiro foi a carta de intenção para entrar no curso, na qual expressei a necessidade de fortalecer minha assinatura artística e individualidade enquanto contadora de histórias e expus as perguntas que me moveram até aqui: Que corpo eu habito hoje? Que voz me habita hoje? O que me conecta ao outro hoje? O que me conecta às histórias hoje? Que histórias residem em mim hoje?

Essas perguntas contribuíram para meu questionamento diário sobre meu fazer artístico que está em constante movimento e transformação, e para que eu pudesse perceber que o seu contra fluxo temporal também me direcionaria à compreensão e formatação dessa assinatura artística, vivo o hoje e observo o ontem, me perguntando quem eu fui antes de mim? Quem eu carrego comigo desde antes de tudo? Quem foram aquelas e aqueles que vieram antes de mim?

Essa confluência também se inunda com o meu mito de origem, outro texto escrito por meio dos exercícios deste curso. Nele, traço minha trajetória artística desde pequena e é nas entranhas da minha infância que acesso uma força imensa vinda dos saberes partilhados pela minha avó Dora, pela força imaginária a mim presenteada por ter nascido e crescido em uma fazenda, tendo contato direto com a natureza, e o movimento migratório de minha família, que saiu da roça para ir morar na cidade grande, em busca do sonho de uma vida melhor. Essa trajetória também é fundamental para a artista que sou hoje.

O caminho percorrido na pós-graduação teve uma aula maravilhosa da Profa. Dra. Leda Maria Martins². Leda nos trouxe a concepção de tempo espiralar: uma experiência de tempo que se curva para a frente e para trás, para o alto, para o baixo, para a esquerda, para a direita, para todos os lados, que se curva e que dilata a própria concepção e experiência do tempo, ou seja, um tempo ou temporalidade que não separa presente, passado e futuro.

Leda Maria Martins fala dessa percepção, concepção e experiência de um tempo experimentado como movimentos de simultaneidade, que não toca apenas a experiência do indivíduo, mas é cosmológica, nesse formato espiralado que não se fecha em si mesmo e que é constituído do princípio do movimento, e por isso essa concepção se assenta na primazia do ancestral, que não se trata apenas daquele que faleceu, mas do que permanece, como presença imanente como acúmulo de experiência, de conhecimento e de natureza.

Para que os nossos ancestrais sejam celebrados, recordados e reclamados, Leda afirma a necessidade do que ela chama de re-morrer, no qual o prefixo RE nos remete à necessidade de uma volta, de uma curva, de um fazer-se de novo, de uma retrospecção, de uma retroação, mas também nos aponta para uma repetição a vir,

² MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. 1. impr. Osasco: BMF Gráfica e Editora, 2021.

produzir-se à frente, uma memória do futuro. Dessa forma estamos no âmbito das espirais.

No prefixo Re de re-morrer, está o retornar no passado e não do passado, a ele voltando, mas é também reatar, re-instaurar, reativar o porvir.

Ao ouvir Leda discorrer sobre o tempo espiralar, ancestralidade e re-morrer, tive uma percepção sobre a importância das histórias e encontrei um saber no meu corpo sobre essa amplitude, esse alargamento, essa distensão do tempo, que acessamos ao ouvir ou narrar uma história, e nesse campo tudo é possível.

Esse encontro foi também um dos impulsos que me levaram à escolha de estudar, escrever, lembrar, reatar, re-instaurar, retornar à mim através da minha avó paterna.

Em meados de 2022 vivemos na pós-graduação as intensas aulas de Sandra Lessa. Neste processo iniciei uma investigação sobre as histórias de vida de minha avó Dora.

O caminho era um grande emaranhado confuso de memórias, experiências que me solicitaram atenção e cuidado e eu tive que me preparar emocionalmente para lidar com isso. A relação com a minha avó Dora foi fundamental para minha formação humana e para aguçar meu apreço pelo brincar e pela arte.

Acessar meu acervo de memórias sobre Vó Dora foi uma motivação importante para efervescência desses escritos que estão recheados de afeto e cuidado.

Nesse processo investigativo sobre as narrativas da vida de Vó Dora que residem dentro de mim e em meus familiares, revisitei memórias, conheci novas histórias e revirei meu íntimo de uma forma poética e curativa.

Entre tantas outras contribuições para a feitura deste trabalho, estas foram as mais marcantes, que me direcionaram para a escrita a partir de minhas experiências pessoais, em busca de sentidos poéticos que ampliassem meu pensamento e minha prática artística e humana.

4. O CONTO REMÉDIO

Você já se sentiu completamente transformada(o) ao ouvir ou ler uma história a ponto de perceber uma mudança instantânea no seu humor ou no seu estado emocional? Como se entrasse em um túnel e, ao sair, a paisagem muda completamente, uma leveza indescritível toma conta do ar, entra nos pulmões e se espalha por todo o corpo.

Eu já senti isso e vou relatar agora como certa vez fui, literalmente, resgatada por um conto.

Foi em maio de 2021, ainda em fase crítica da pandemia, tendo diversas crises de ansiedade, diagnosticada com depressão e com Síndrome de Burnout³, fazendo terapias, lidando com situações de perdas profundas e com a vida tendo que ser reinventada à fórceps.

Foi nesse momento que aconteceu o encontro com esse conto que me “resgatou”, como se alguém tivesse segurado a minha mão e me puxado para fora do lodo para respirar. Experimentei tocar o silêncio e a paz, mesmo estando no fundo do poço.

Tratei minha saúde com terapia, remédios homeopáticos, florais e contos. Às vezes é necessário descer bem fundo para compreensão da nossa resistência, e foi estando nesse fundo frio e úmido que pude perceber o movimento interno que este conto que citei me trouxe. O título do conto é “O homem que venceu o medo”⁴:

João Oleiro era um homem muito medroso. Morria de medo de doenças, de ladrões e até de fantasmas. Ele tinha muitas qualidades e gostava de trabalhar, fazendo com perfeição belos objetos de barro, mas paralisava-o o medo de não vender o que produzisse, o medo de ser roubado, o medo de ficar na miséria.

De tanto medo, quase não saía de casa e evitava os amigos. Seus negócios, que já não iam muito bem, piores ficaram quando um outro oleiro instalou-se na cidade e roubou-lhe a pequena freguesia que lhe restava. João começou a fazer dívidas e aos poucos os fantasmas que temia passaram a tomar corpo na forma de credores que batiam à sua porta e o ameaçavam com a prisão.

³ Síndrome de Burnout, também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional que deriva exclusivamente de situações que ocorrem no âmbito do trabalho, que demandam muita responsabilidade e competitividade, ou, ainda, pela sobrecarga de tarefas, com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico.

⁴ PAMPLONA, Rosane. **Novas histórias antigas**. 6. impr. São Paulo: Brinque-Book, 2006.

Desesperado, não vendo saída para os seus problemas, João Oleiro resolveu matar-se.

“Por que não?”, pensou ele. “A vida para mim não vale mais nada. Não tenho amigos, não tenho fregueses, não tenho dinheiro nem para comer. Está resolvido: vou me matar”.

Assim que decidiu isso, João parou de se atormentar. Com a calma advinda do irremediável, ponderou que, já que aquele seria seu último ato, deveria fazê-lo bem feito. Como não fosse nada preguiçoso, resolveu primeiro fabricar um bom caixão para si mesmo. Lembrou-se de ter visto um velho barco abandonado na beira do rio e, à noite, tomando cuidado para não ser visto, foi buscá-lo.

Em casa, cortou a madeira e passou o dia todo lixando, martelando, pintando. Já era tarde quando o caixão ficou pronto; muito bem acabado, parecia obra de um mestre. Satisfeito consigo mesmo, João resolveu comemorar. Esquecendo que já ninguém lhe vendia fiado, entrou na taberna e pediu, todo cheio de si, uma caneca de cerveja. O taberneiro, diante daquela pose confiante, não ousou recusar, porém ficou intrigado: um homem naquela situação miserável rindo à toa? “Ali tem coisa”, pensou. Um dos empregados da taberna lembrou-se de tê-lo visto em atitude suspeita lá perto do rio. - Talvez tenha encontrado um tesouro - arriscou ele ao patrão.

João bebeu sua cerveja e voltou para casa. Muito contente, dormiu uma noite cheia de sonhos agradáveis. Na manhã seguinte, acordou sentindo-se muito bem.

Abriu as janelas de sua casa, deixou o sol entrar e decidiu que poderia conceder-se três dias de prazo antes de matar-se, pois queria aproveitar aquela situação de bem-estar. E como o seu coração estivesse leve, pegou um pouco de barro e pôs-se a modelar tudo o que lhe vinha à imaginação, sem medo de censuras.

Trabalhou com gosto e no fim do dia admirou com orgulho a sua produção: vasos e potes lindos, originais, verdadeiras obras-primas.

Satisfeito, novamente João foi à cidade comemorar, mal cabendo em si de felicidade. Seus amigos, estranhando aquela atitude, resolveram, no dia seguinte, dar uma espiada em sua casa. E lá dentro viram João, que trabalhava assobiando, rodeado de belíssimas peças de barro. Um dos amigos resolveu entrar e oferecer um bom dinheiro por um dos vasos. Outros logo o imitaram, e assim ele foi vendendo tudo o que produzia.

No fim daqueles três dias, João resolveu se permitir mais um prazo. “Afinal”, pensou, “sou eu quem vou morrer, posso marcar o dia que quiser. Além disso, estou cheio de encomendas e não quero decepcionar os amigos. Mais uma semana seria bom”, determinou e continuou trabalhando feliz, criando arrojadas peças. Não demorou que seus objetos ganhassem fama. O outro oleiro, seu concorrente, não conseguiu segurar sua freguesia: todos só falavam dos inigualáveis vasos de João.

De bem com a vida, é claro que João não pensou mais em morrer. Adiou indefinidamente aquela ideia e tratou de aproveitar sua sorte. Foi ficando rico, pagou suas dívidas, casou-se com uma boa moça e construiu para eles uma bela casa. No fundo da casa, guardou o caixão que fabricara naquele dia de desespero, num quatinho fechado à chave. A todos ele dizia que ali estava encerrado o segredo de sua prosperidade.

Só muitos anos mais tarde, depois de uma vida longa e venturosa, morreu João Oleiro. Abrindo o quarto secreto, seus netos descobriram que o único segredo da felicidade daquele homem foi ter sabido um dia enterrar o seu medo.

Quando comecei a leitura do conto eu estava triste e no final eu havia sido totalmente levada pelo conto, fiquei profundamente emocionada com aquela história, chorando e desaguando variadas sensações e após ter acalmado o choro, eu era outra, sentia bem-estar, alegria, confiança e me lembro da sensação do ar mais leve entrando nos meus pulmões após a leitura, o alinhamento da coluna, a clareza dos pensamentos, parei e fiquei apreciando o livro e aquelas palavras.

Fiquei com essas impressões circulando em mim por muito tempo e me perguntava o que especificamente havia naquele conto que tinha gerado aquele movimento tão profundo e poderoso no meu corpo e no meu campo emocional. Eu não queria me matar, nem estava endividada como o João, então por que esta história funcionou como uma chave para elevação do meu estado emocional?

Em busca de referências que amparassem minhas indagações encontrei ressonância na vertente que trabalha os contos como meio terapêutico e de cura.

Deparei-me com as contribuições de Margarida Baird em seu livro “Contando e aprendendo” (2004)⁵ que afirma que a terapia com contos busca acordar valores esquecidos na sociedade contemporânea, mudando pontos de vista para percepção

⁵ BAIRD, Margarida. **Contando e aprendendo**. In: GIRARDELLO, Gilka, (org.). Baús e chaves da narração de histórias. 2. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

do que gera aflição e incômodo, permitindo que se olhe para os problemas por outras perspectivas.

Em uma abordagem holística⁶, ressalta também que um corpo que adocece “está refletindo uma doença da alma, que os contos atingem o corpo sutil, através dos sentidos e do imaginário, e que o trabalho com as histórias e sua magia visa a sanar, amenizar e possibilitar a cura de doenças”. (BAIRD, 2004, p. 74)

De acordo com Baird (2004, p.75), os contos alcançam áreas raramente utilizadas pelo condicionamento humano, e permite que a parte racional do cérebro (hemisfério esquerdo) fique passiva, enquanto ativa-se a sua parte criativa (hemisfério direito), local esse onde atua o campo simbólico humano.

Isso significa que a pessoa acessa um estado mais profundo de si quando está em contato com a lógica da narrativa de um conto, tendo possibilidades de se divertir, resgatar sua criança adormecida, curar feridas emocionais, conectar-se consigo mesma e religar-se ao todo.

Para a autora, o significado e o poder da história não residem apenas em seu conteúdo. “Ouvir e recriar produzem processos dinâmicos, como uma experiência física. Este poder embutido na história não está apenas ligado a eventos que são narrados, mas à reação de quem os ouve.” (BAIRD, 2004, p. 77)

A autora também vem afirmar o poder de cura das histórias e que esse efeito dos contos não depende apenas do conteúdo do conto lido ou narrado, mas também da reação do ouvinte.

Cada pessoa tem suas experiências e histórias pessoais, apesar de termos muitas coisas em comum, somos seres únicos, portanto, um conto que para uma pessoa pode ser transformador, para outra pode ser um divertimento momentâneo.

O contato com essa proposta de Margarida Baird me leva a pensar sobre como me senti durante e após a leitura do conto “O homem que venceu o medo”. Ao mesmo tempo que senti um misto de emoções e vontade de chorar, também senti um peso imenso indo embora do meu corpo. Sensações físicas misturadas às emoções, pensamentos mais brandos e no final um grande alívio na alma, dessa forma, essa abordagem holística passa a fazer sentido dentro da minha experiência relatada.

A mudança de perspectiva foi instantânea em mim quando li o conto e me vi refletida na figura de João Oleiro, que pôde alcançar a paz quando passou a dar

⁶ A autora não desassocia corpo, mente e alma em suas reflexões.

mais importância às coisas que o deixavam feliz. No momento que li o conto eu também estava em busca dessa paz, porém não compreendia como poderia alcançá-la em meio a um completo caos de nível mundial, que foi a pandemia de COVID-19.

Toquei a tão desejada paz com as pontas dos dedos, e isso foi a fagulha que iluminou um pouco mais meu caminho e me trouxe coragem para pedir ajuda terapêutica e seguir em frente naquele momento.

Em busca de outros pensamentos sobre o poder das histórias encontrei Alessandra Giordano. Em seu livro “Contos que curam” (2020)⁷, a autora expõe sua proposta de arteterapia com contos baseada e adaptada a partir da Psicologia Analítica Profunda, criada pelo Dr. Carl Jung. “É um método que consiste em tornar vivas as imagens interiores de uma pessoa, despertando as figuras internas”, e propõe a ativação de camadas profundas da psique promovendo um diálogo entre o seu ego e o seu inconsciente. (GIORDANO, 2020, p. 57)

Essa metodologia se utiliza do conceito de arquétipo que advém do que o Dr. Jung chamou de inconsciente coletivo, que, por sua vez, são imagens e traços internos muito parecidos feitos por pessoas diferentes, de culturas e povos diferentes, em locais distantes, formado por imagens primordiais inatas a qualquer ser humano em qualquer lugar do planeta, o que permitiu o mapeamento de características comuns no nosso pensamento e imaginação para a elaboração do conceito de arquétipo.

Essas imagens arquetípicas residem em nossa mente inconsciente e afetam profundamente o comportamento humano pois são parte fundamental da nossa personalidade.

A mente inconsciente possui uma parte formada por esse inconsciente coletivo (morada dos arquétipos) e outra parte que seriam as imagens do inconsciente pessoal. Junta-se à mente inconsciente outra camada que é a mente consciente para formar a psique humana.

O nosso campo inconsciente se manifesta através de linguagem simbólica e é a fonte criativa de tudo que evolui para a mente consciente tendo a imaginação como um dos seus canais de comunicação.

⁷ GIORDANO, Alessandra. **Contos que curam: a tradição oral como fonte de trabalhos arteterapêuticos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

Giordano (2020, p.60) afirma que “todas as imagens e figuras arquetípicas estão nos mitos, nos contos de fadas, embora não sejam percebidas racionalmente pelos ouvintes (...)” e que os contos tradicionais carregam em si todos os arquétipos pertencentes aos humanos. Explica-se aqui também um motivo pelo qual as histórias são preservadas há séculos, elas guardam em si saberes universais inerentes à humanidade.

A autora (2020, p.14) nos diz que quando nossas mentes se deixam envolver por um conto, ocorre uma ressonância entre as imagens oferecidas pela história e nossas imagens internas, dessa forma, nos sensibilizamos. Afirma ainda (2020, p.44), que quando somos afetadas pelo tema do conto (de fadas), significa que este tema e o campo simbólico do conto também fazem parte de nossa vida.

Compreendo que a ressonância entre as imagens do conto e da vida da pessoa que o ouve (ou o lê), se apresenta tal qual num espelho mágico, onde sua imagem refletida ganha vida própria através da trama para solução dos nós emocionais, transportando nosso reflexo para dentro da narrativa para vivenciar outras experiências no campo imaginativo e acessar o “remédio” que o conto tem a nos ofertar.

Parece pretensioso, mas estou confiante de que narrando a história certa, no momento certo para a pessoa certa, transformações na vida das pessoas acontecem. Vamos entender aqui o termo “curar” com o significado de transformação para a tomada de consciência daquele oculto que impede o fluxo de uma vida harmoniosa. Isto, creio eu, leva a significativas transformações, que, neste caso, estou chamando de cura.

A história certa, de alguma forma, mobiliza, convida a reflexões, traz à tona os motivos, ilumina os medos e os sofrimentos, o conto permite que percebamos as nossas dores contadas por outros personagens, os desafios que enfrentam os caminhos trilhados por cada um e, por fim, um final: viveram por muitos e muitos anos felizes. Um final feliz nos encoraja a pegar o caminho, a pegar as rédeas da vida; encoraja-nos a olhar determinados pontos, por vezes, adormecidos ou que necessitam de revisão. Note-se que um final feliz não chega sem luta, sem enfrentamentos, sem coragem, sem determinação, sem fé. Só se chega depois de todo um percurso onde a ação leva à felicidade. (GIORDANO, 2020, p. 56)

Em uma rasa análise⁸ dessa história que li e que movimentou tantas coisas em mim e a partir de tudo que Alessandra Giordano nos mostra, percebi um ponto

⁸ Digo de uma “rasa análise” porque não se trata de uma análise profissional, mas de alguém que procura vestígios a partir das pistas dadas pela autora Alessandra Giordano, que afirma que a partir de uma análise criteriosa sobre aspectos simbólicos do conto e cruzando com informações de seus clientes/pacientes, é possível selecionar histórias que toquem diretamente nas questões emocionais enfrentadas e que é preciso dedicação da parte da(o) terapeuta para garimpar essas histórias tão importantes neste processo com a arteterapia.

conectivo de minha situação emocional no momento da leitura com aspectos do conto.

Na ocasião da leitura do conto, diagnosticada com uma doença que afetava profundamente minha relação com meu trabalho, ao vivenciar internamente a experiência de João Oleiro, que passou a realizar o seu trabalho com alegria, livre da necessidade de agradar os outros, seguindo apenas o próprio coração, desejei também essa liberdade e naquele momento algo me dizia que isso estava ao meu alcance a partir de uma mudança de ponto de vista.

Compreendo agora que li “a história certa, no momento certo,” e que ela ressoou neste aspecto essencial em minha vida que é o trabalho, mais precisamente, o trabalho artístico, o fazer artístico que vem de minha essência, lapidado desde a minha infância de arteira.

Giordano traz ainda outro aspecto que acredito importante ressaltar. Em seus processos de condução de sessões terapêuticas com contos, a autora utiliza ferramentas do teatro para engajar seus clientes/pacientes no fio das histórias e aprofundar o mergulho nas águas dos contos por meio da imersão nas personagens acessada através de técnicas teatrais.

A autora afirma que experimentar diferentes personagens nos permite trazer à superfície a consciência dos variados papéis que exercemos em nossa jornada de vida, na qual ora somos protagonistas, heroínas e heróis das nossas histórias, ora encarnamos os piores antagonistas, ameaças mortais a nós mesmos, como as bruxas malvadas e os vilões dos contos. “Todos têm na vida a presença desses seres, ou não? Contudo, além disso, temos estes personagens em franco processo de ação dentro de nós mesmos, como verdadeiros predadores.” (GIORDANO, 2020, p. 42)

A partir deste fragmento da autora, sou levada a pensar no meu próprio processo, na ocasião da minha primeira leitura do conto “O homem que venceu o medo”, no qual eu lidava com doenças psicológicas bastante destrutivas e que me paralisaram por um tempo.

O antagonista da minha história naquele momento poderia ser a minha própria lógica de pensamentos, o que me levava a enxergar o mundo, as pessoas e minha própria vida de uma forma distorcida. Eu mesma sendo vilã de minha história, completamente desconectada da realidade que me cercava.

A leitura do conto “O homem que venceu o medo” de certa forma contribuiu para que os meus pensamentos se alinhassem na frequência de uma lógica mais positiva diante da vida, me permitindo despertar a esperança e a utopia adormecidas. O olhar voltou a brilhar quando me recordei que sou portadora de histórias e espalhadora de maravilhas que geram bem-estar às pessoas. Que poderoso que isso é!

Seguindo em busca de outros referenciais para apoiar minha experiência sobre o poder dos contos, encontrei reverberações no belo trabalho de Nancy Mellon, em seu livro “Corpo em Equilíbrio” no qual autora afirma que “todos os padrões e personagens de histórias do mundo estão inscritos dentro do corpo humano.” (MELLON, 2010, p.25)⁹

A partir da premissa de que tudo está interligado dentro e fora de nós e que cada parte do nosso corpo está intimamente conectada com nossa alma e com o todo (o universo), a autora afirma que essas partes se comunicam de formas diferentes a partir da sabedoria de cada pessoa e que a contação de histórias pode trazer à tona esses saberes que são inerentes a nós:

As histórias nos tornam mais conscientes de nós mesmos como parte da humanidade que sente, cria, ri, chora, é curiosa e corajosa. Juntas elas têm um efeito cumulativo ampliando nosso conhecimento interior, nossa compaixão e nossa noção do eu. Elas podem também nos ajudar a nutrir a inteligência natural do corpo, ao falar diretamente para (e da) intrincada trama do nosso corpo. (MELLON, 2020, p. 16)

O trabalho terapêutico de Nancy Mellon parte da premissa de que reside dentro de cada pessoa uma contadora ou um contador de histórias e, por meio de um roteiro base, os participantes de seus procedimentos terapêuticos são convidados à criação e contação espontânea de suas próprias narrativas, transformando os problemas enfrentados, sejam físicos ou emocionais, em personagens, sons ou paisagens dessas histórias.

Esse processo é denominado pela autora como “contação de histórias transformacional”, oferece afirmações que fortalecem a saúde dos órgãos do corpo e traz à tona as conexões entre protagonistas e antagonistas, ao mesmo tempo que contribui para a consciência corporal e auto desenvolvimento emocional, mental e espiritual, promovendo o equilíbrio das energias no corpo.

⁹ MELLON, Nancy; RAMSDEN, Ashley. **Corpo em equilíbrio: o poder do mito e das histórias para despertar e curar as energias físicas e espirituais**. Tradução Márcia Epstein Fiker. 1. ed. São Paulo : Cultrix, 2010. 333p.

Nancy Mellon em suas sessões terapêuticas com histórias conduz os participantes à adentrarem em sua imaginação para que encontrem novas soluções para suas questões de saúde.

Ela solicita que os participantes se imaginem como personagem principal da história e conectem ludicamente as suas questões de vida e seus anseios com a trajetória desse herói ou heroína, conduzindo a criação de finais positivos para as histórias. No relato da autora, geralmente, os sintomas físicos diminuem ou desaparecem completamente quando são imaginados e incluídos no contexto da história criada.

Para a autora, histórias com inícios e términos positivos contribuem para o estímulo da criatividade e para que preocupações e questionamentos serenem, dessa forma, “a verdade contida no âmago da personalidade emerge, penetrando nos tendões, músculos, coração e alma, com uma sabedoria além do pensamento consciente comum.” (MELLON, 2001, p.20)

A partir das experiências com esses processos terapêuticos, a autora conectou as histórias com os órgãos do corpo. Ela considera que cada órgão do nosso corpo é um território em constante comunicação com o corpo, influenciando diretamente nossas relações com o mundo, e as histórias podem ser direcionadas para atuarem de acordo com as energias específicas de cada um desses territórios.

Os órgãos descritos neste livro são entidades vivas que nos transportam de maneira engenhosa através da nossa vida. Cada um desses territórios corporais internos comunica-se com grande sensibilidade com a nossa individualidade única. Cada um deles modela e dá forma a relações ativas com os outros, enquanto serve de mediador de energias específicas. Uma conversa ocorre de maneira contínua entre eles, altamente responsiva, fluente, palpitante, corrente, saltitante, e influencia nossas conversas diárias com nós mesmos e com os outros. Nós, às vezes, sentimos essas relações orgânicas em nossos sonhos e em nossa imaginação quando acordados. Elas nos tornam mais leves ou pesados, conforme dão origem a personagens e paisagens internas. Tão logo nos conectamos, de maneira intencional, com uma ou outra dessas energias modeladoras por meio da expressão criativa, entramos em zonas de excitação e risco. (MELLON, 2001, p. 17)

Nancy enfatiza que cada um dos órgãos do corpo realiza sua função de forma dedicada e viva e que cada um tem sua inteligência própria em conexão com alguma atividade espiritual e com tudo que ocorre em nossas vidas, assim, a autora traz as características das histórias que se conectam aos órgãos do corpo.

Na condução de seus processos de criação e contação de histórias terapêuticas, a autora criou uma estrutura para direcionar a criação de histórias para

cada território poético dos órgãos do corpo, contendo os seguintes tópicos: 1 - Afirmação do órgão; 2 - Dinâmica básica da história do órgão; 3 - Protagonistas e Antagonistas do órgão.

Coração, intestino delgado, fígado, vesícula biliar, intestino grosso, pulmões, estômago, baço e pâncreas, bexiga, rins, pele, pericárdio, timo, apêndice, genitais e cérebro, são os órgãos abordados pela autora.

Analisando a minha experiência com o conto “O homem que venceu o medo” a partir das contribuições de Nancy Mellon, pude encontrar uma conexão dessa história com as características de histórias do intestino delgado, que fornece os impulsos da expressividade criativa humana, com atividades que suscitam o amor pelas artes em geral. “Sua energia estimulante produz uma alquimia expressiva ímpar de corpo e alma, seja na elaboração poética, na música, na escultura ou no arranjo floral.” (MELLON, 2001, p.44)

Percebi no processo de escrita deste trabalho, a conexão do conto “O homem que venceu o medo” com meu trabalho artístico, portanto, com minha expressividade criativa no mundo, que estava doente e que recebeu o remédio oferecido por esse conto.

A crise que vivenciei se relacionava também a questionamentos sobre originalidade, integridade artística, cansaço mental, falta de criatividade, e incertezas sobre as escolhas que eu havia feito em minha trajetória profissional como contadora de histórias, e todos esses fatores contribuíram para que minha criatividade ficasse reprimida e minhas percepções sobre o meu trabalho artístico ficassem totalmente desorientadas de seu real sentido.

No processo de contação de histórias transformacionais de Nancy Mellon para o intestino delgado, temos a estrutura para a criação espontânea de histórias com os seguintes tópicos (MELLON, 2001, p. 56):

1 - Afirmação do intestino delgado: Beleza, verdade e amor resplandecem através de mim.

2 - Dinâmica básica da história do intestino delgado: A auto desaprovação transforma-se em paixão pela verdade, beleza e bondade.

3 - Protagonistas e antagonistas do intestino delgado: Os protagonistas do intestino delgado (personagens que sustentam a saúde do intestino delgado) são artísticos, inspiradores, têm fé no universo, percebem com clareza apaixonada, evocam a beleza e a criatividade para si mesmos e os outros. Os antagonistas do

intestino delgado (personagens que expressam a disfunção do intestino delgado) sentem-se abandonados, irascíveis, deprimidos, desprezam a si mesmos e são impulsivos. Eles têm ataques histéricos. Num estado depressivo, eles se sentem inadequados, inferiores e sem apoio, até mesmo com um desespero suicida.

É possível constatar, a partir dessa estrutura, a semelhança com o conto “O homem que venceu o medo”, dessa forma, as contribuições de Nancy Mellon também me ajudaram a compreender, por outra perspectiva, a experiência vivenciada na leitura dessa história e em qual território do meu corpo ela atuou.

Em minha busca por outras referências para embasar este trabalho, não poderia deixar de citar Clarissa Pinkola Estés e seu livro “Mulheres que correm com os lobos” (1994). Psicóloga Junguiana, cantadora e contadora de histórias, a autora discorre sobre o arquétipo da Mulher Selvagem, que “do ponto de vista da psicologia arquetípica ela é a alma feminina. (...) Ela é a origem do feminino. Ela é tudo o que for instintivo, tanto do mundo visível, quanto do oculto - ela é a base”.(ESTÉS, 1994, p.27)¹⁰

De acordo com Estés, a Mulher Selvagem ativa em nós mulheres a intuição e a sabedoria inata a este arquétipo, pois ela “carrega consigo os elementos para a cura; traz tudo o que a mulher precisa ser e saber. Ela dispõe do remédio para todos os males. Ela carrega histórias e sonhos, palavras e canções, signos e símbolos”. (ESTÉS, 1994, p.26)

O trabalho terapêutico de Estés é realizado para que as mulheres se reencontrem com a centelha da Mulher Selvagem que reside dentro de cada uma, transformando suas vidas nessa reconexão com a sua natureza essencial.

Quando as mulheres reafirmam seu relacionamento com a natureza selvagem, elas recebem o dom de dispor de uma observadora interna permanente, uma sábia, uma visionária, um oráculo, uma inspiradora, uma intuitiva, uma criadora, uma inventora e uma ouvinte que guia, sugere e estimula uma vida vibrante nos mundos interior e exterior. Quando as mulheres estão com a mulher selvagem, a realidade desse relacionamento transparece nelas. Não importa o que aconteça, essa instrutora, mãe e mentora selvagem dá sustentação às suas vidas interior e exterior.

Portanto, o termo *selvagem* neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora do controle, mas em seu estado original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. Essas palavras, *mulher* e *selvagem*, fazem com que as mulheres se lembrem de quem são e do que representam. Elas encarnam uma força sem a qual as mulheres não podem viver. (ESTÉS, 1994, p. 21)

¹⁰ ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

A autora enfatiza que a aproximação das mulheres com sua natureza instintiva não significa descontrole ou desestruturação, mas sim implica na delimitação de limites e territórios, de estar aberta, consciente, leal e digna. A invenção é a principal ocupação da Mulher Selvagem, por sua natureza profundamente intuitiva. O resgate da Mulher Selvagem é vital para a saúde mental e espiritual das mulheres.

Por sua natureza visceral e intuitiva incompreendida, a Mulher Selvagem é, há muito tempo, constantemente atacada, e isso afeta todas as mulheres nos dias de hoje, que têm sua vitalidade esvaída, se tornam submissas, doentes e desconectadas de si mesmas.

Estés afirma que a Mulher Selvagem pode ser resgatada das ruínas do mundo subterrâneo das mulheres através de intensos processos terapêuticos com contos de fadas, mitos e histórias, conduzindo-as em direção de seu autoconhecimento, direcionados para a incorporação deste arquétipo em seu campo instintivo natural.

Nos processos terapêuticos conduzidos pela autora, também são analisados os sonhos, sensações físicas, recordações do corpo das pacientes, além da utilização de um transe interativo que se aproxima da imaginação ativa de Jung e perguntas específicas que se conectam a contos de fadas, histórias folclóricas, lendas e mitos.

A arte também é uma aliada importante neste processo, por isso as pacientes são capacitadas para criação artesanal manual, para confecção de amuletos e talismãs. O trabalho com cada paciente é totalmente individualizado, porém seguem esses elementos que alimentam a alma e garantem a sua expansão.

De acordo com Estés, ao perder o contato com a Mulher Selvagem, nos desconectamos da força selvagem da psique, somos profundamente afetadas tendo:

Sensações de extraordinária aridez, fadiga, fragilidade, depressão, confusão, de estar amordaçada, calada à força, desestimulada. Sentir-se assustada, sem significado, envergonhada, com uma fúria crônica, instável, amarrada, sem criatividade, reprimida, transtornada. Sentir-se impotente, insegura, hesitante, bloqueada, incapaz de realizações, entregando a própria criatividade para os outros, escolhendo parceiros, empregos ou amizades que lhe esgotam a energia, sofrendo por viver em desacordo com os próprios ciclos, superprotetora de si mesma, inerte, inconstante, vacilante, incapaz de regular a própria marcha ou de fixar limites. Não conseguir insistir no seu próprio andamento, preocupar-se em demasia com a opinião alheia, afastar-se do seu Deus ou dos seus deuses, isolar-se da sua própria revitalização, deixar-se envolver exageradamente na domesticidade, no intelectualismo, no trabalho ou na inércia, porque é esse

o lugar mais seguro para quem perdeu os próprios instintos. (ESTÉS, 1994, p.24-25)

As histórias são, de fato, remédios potentes para a cura emocional e a única coisa que precisa ser feita é prestar atenção nelas. De acordo com a autora, “a cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias. Elas suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões que fazem aflorar o arquétipo, nesse caso, o da Mulher Selvagem.” (ESTÉS, 1994, p.30)

As histórias nos permitem movimentar a vida interior e exterior, e quando nosso interior está acuado e com medo, elas nos ajudam a iluminar os cantinhos mais escuros e nos permitem criar novas saídas que nos levam ao amor, nos oferecem grandes aprendizados, nos conectam com nossa profunda natureza selvagem e permitem a cura de muitos males, como aconteceu comigo ao ler o conto “O homem que venceu o medo”.

Finalizo aqui meu mergulho sobre este conto que foi um dos remédios que me ajudaram a me curar, certa do poder transformador das histórias, que carregam a chave para abrir os portais do sonho e da imaginação humana e a importância da contação de histórias nas vidas das pessoas. E assim, me mantenho firme nessa escolha de ser contadora de histórias e sigo esperando (de Paulo Freire) que cada vez mais muitas pessoas narrem, leiam, escrevam e amem as histórias.

Agradeço à Rosane Pamplona que incluiu este conto tradicional em seu livro “Novas histórias antigas” e dessa forma eu pude ler o conto e me inspirar na postura de João Oleiro diante da vida.

5. MEMÓRIAS DE VÓ DORA

Uma vez sonhei que estava contando histórias e sentia alguém dando tapinhas no meu pé para me incentivar. Olhei para baixo e vi que estava em pé nos ombros de uma velha, que segurava meus tornozelos e sorria para mim. “Não, não” disse-lhe eu. “Venha subir nos meus ombros, já que a senhora é velha e eu sou nova.” “Nada disso” insistiu ela. “É assim que deve ser.” Percebi que ela também estava em pé nos ombros de uma mulher ainda mais velha do que ela, que estava nos ombros de uma mulher usando manto, que estava nos ombros de outra criatura, que estava nos ombros... Clarissa Pinkola Estés em “Mulheres que correm com os lobos” (1994).

Este tópico do meu trabalho será dedicado à minha avó paterna: a Vó Dora. Dora de Oliveira, foi uma mulher excepcional, agigantada em tamanho e alma.

Eu convivi com a Vó Dora até os meus 10 anos de idade, e depois a distância foi nos separando cada vez mais e ela ocupando menos espaço em minha vida.

Ela me ensinou a costurar fuxicos, dar pontos de crochê, me deu muito amor, afetos e abraços, permitia o brincar livre, e em sua nobre função de vó, mesmo quando o mundo todo me dizia NÃO!, ela me dizia SIM! SIM! SIM! Me mostrou que eu podia! Me ensinou tanta coisa e ainda ensina! Que saudade da minha vó Dora!

Minha mãe conta que quando eu estava para completar dois anos de idade, a Vó Dora me deixou brincar de desenhar com carvão. A casa toda virou uma grande folha de papel, sem distinção do chão, paredes, móveis, tudo era matéria prima para minhas pinturas com carvão. E a vó ficava só olhando as minhas arteirices e rindo sentada num banquinho! Quando minha mãe chegou em casa e viu aquela “sujeira” toda, ficou muito brava, mas onde ela via sujeira, a Vó Dora via possibilidades, acho que isso é coisa de vó mesmo.

Nas palavras do meu pai, Vó Dora foi uma mulher muito batalhadora que aprendeu a ler e escrever sozinha. Eu ficava me perguntando como é que alguém faz pra conseguir essa proeza? E me admirava inteira de ver a paixão que a Vó Dora tinha pela leitura.

O fato é que ela teve uma irmã mais nova, a tia Antonieta, e minha avó dizia que a minha voz era igualzinha à da irmã dela, e toda vez que a gente conversava pelo telefone a avó ficava chorando porque sentia saudade da sua irmã que já tinha morrido.

Eu achava aquilo triste e às vezes desistia de ligar pra ela pra não trazer essa saudade. A tia Antonieta aprendeu a ler e a escrever com a mãe delas, a minha bisavó chamada Assunta, que por sinal, era uma mulher muito elegante, classuda e bem educada, que tinha tido pais ricos, mas se casou com meu biso que não era

aprovado pela família dela, então ela foi deserdada dos bens de seus pais e passou a viver as dificuldades de ser pobre.

Bom, ela proibia a minha avó de aprender a ler e a escrever, porque dizia que só ensinaria à filha predileta. Acontece que a minha vó Dora ficava escondida ouvindo as aulas do beabá que a irmã recebia e quando não tinha ninguém vendo, ela olhava o caderno da irmã, e assim, vó Dora driblou a amargura de sua mãe e aprendeu a ler e a escrever.

Meus pais e eu moramos na mesma casa que a Vó Dora desde que eu nasci até os meus cinco anos de idade. Então, na primeira fase da minha vida fui rodeada e cuidada por ela. Vivíamos em uma grande casa que ficava numa fazenda no interior do Estado de São Paulo.

Uma memória muito antiga que tenho é a Vó Dora escrevendo no seu velho caderno, daqueles de tamanho médio, com um arame enrolado na lateral, todo torto e com a capa puída que tinha o desenho de uma praia com coqueiros. Lembro que, na contraluz da janela da cozinha, a avó procurou as poucas folhas ainda sem escritos no caderninho, apoiou-o sobre a mesa da cozinha, segurou a caneta cuidadosamente com suas mãos úmidas cheias de pintinhas alaranjadas na pele e seus dedos macios. Ela usava um vestido estampado com pequenas folhagens verdes, ajustou os óculos e, com o corpo inclinado para frente, desenhava seus escritos devagar no papel enquanto as palavras andavam pé ante pé nos seus lábios que se mexiam em silêncio a cada movimento da caneta. Lembro da alegria triunfante nos olhos dela e de sua letra inconfundível. Ela e o seu caderno. Eram as receitas que ela inventava com o que tinha disponível para alimentar aquele povaréu todo que morava na mesma casa. Ela me ensinou algumas receitas de família, que são conteúdos interessantíssimos para uma próxima prosa.

Nas palavras das minhas tias, irmãs do meu pai, Vó Dora amava livros e toda vez que seus filhos e filhas chegavam da escola, ela corria para ver se tinha novos livros pra ela ler. Devorava-os de uma vez. Talvez por isso ela tivesse um campo imenso para imaginação e também para contar histórias.

A Vó Dora era Filha de Maria e meu avô era Mariano, católicos, devotos de Nossa Senhora de Aparecida. Ela vivia com um terço nas mãos. Era a rezadeira do terço na fazenda que morávamos e onde quer que precisassem da reza do terço, lá ia a minha avó com os cinco filhos atrás. Tanto que de uma dessas idas às casas

dos vizinhos para rezar, nasceu uma história que todo mundo na minha família conhece. Vou contar para vocês, do jeito que ouvi do meu pai:

Vó Dora dizia que quando meu pai era um bebê, toda a família foi rezar o terço na casa de uma comadre e de um compadre que moraram na mesma fazenda que eles, só tinham que atravessar um local chamado terreirão, era um imenso terreno cimentado, com cerca de 500 metros quadrados, que era utilizado para espalhar o café recém colhido para que secasse ao sol.

O terço começou a ser rezado a tarde e terminou já era noite. Bom, na fazenda, quando cai a noite, fica tudo um breu, e é sorte quando a lua fica acesa para iluminar o caminho, e as vistas se acostumam com a penumbra, só assim mesmo pra conseguir voltar pra casa, porque eles não tinham lanterna para voltar. O meu avô tinha ido embora antes, porque tinha que acordar muito cedo no dia seguinte para trabalhar.

A Vó Dora teve que voltar sozinha atravessando a escuridão com as crianças, uma delas era meu pai, ainda bebê de colo. E lá foi ela atravessar o terreirão naquele breu, com um bebê chorando e mais quatro grudadas na barra da saia. Estavam há alguns metros da porta de casa quando minha avó começou a ouvir um rosnado e os pelos do seu corpo se arrepiaram, um medo sem tamanho subia pela espinha, sentia que algo se aproximava rápido.

As crianças também ouviram e começaram a chorar. Ela com o bebê em um dos braços, agarrou a outra criança menor pelo outro e correu, gritando para os outros correrem para casa. Quando estavam quase chegando, ela teve a nítida visão de uma criatura medonha: um lobisomem que corria rapidamente na direção dela. As duas crianças já tinham entrado em casa, ela veio atrás e trancou bem a porta.

A criatura passou algumas horas arranhando a porta e ninguém conseguiu dormir naquela noite. Meu pai contava que a avó Dora tremia e arregalava os olhos quando ela me contava essa história.

Ela dizia que o lobisomem queria comer o bebê naquela noite. Ainda bem que ele não comeu, porque se tivesse comido, eu nem teria nascido.

Em minha infância, essa história me causava muito medo. Considerando que a minha casa era o cenário de fundo, eu quase conseguia tocar os pelos do lobisomem e sentir o seu cheiro de cachorro molhado. Um pavor imenso tomava

conta de mim, eu tinha medo que ele voltasse para devorar o meu pai. Mas imagina, isso era pura ilusão de criança, porque ele já era adulto e lobisomem de verdade só come os bebês!

Ainda hoje, vivendo na cidade, quando caminho a noite pelo condomínio que moro, ao olhar para a parte de trás dos prédios, com árvores e vegetações, sombras e nuances, eu ainda sinto aquele cheiro de lobisomem das histórias da minha avó.

Essa é uma das histórias mais marcantes que ouvi na minha infância. Suas passagens ficaram impregnadas em mim e considero uma semente narrativa importante para minha trajetória como contadora de histórias.

As histórias que eu ouvi na infância eram todas a partir de relatos pessoais, experiências fantásticas vividas pelos meus familiares e que mostram como minha Avó Dora foi uma pessoa corajosa, enfrentando lobisomens, e outros seres encantados.

Além dos lobisomens, outros seres também permeiam a imaginação do povo que mora na roça. A cobra é um deles. Vou contar agora uma história que causou muito medo na minha mãe quando eu nasci:

Morar em meio à natureza nos proporciona muitas experiências. O contato direto com os animais, por exemplo, é algo que pode ser belo e divertido, mas também existem muitos perigos.

Minha avó Dora contava que uma comadre dela tinha acabado de dar à luz um bebê lindo e saudável. Ela cuidava muito bem do seu bebê, amamentava, dava banho, limpava. As roupinhas eram todas bem lavadas, dava para ver a limpeza e higiene das peças penduradas no varal do quintal da comadre.

Numa tarde o compadre foi até a casa da minha avó, desesperado, dizendo que o bebê não estava nada bem, que mesmo com todos os cuidados, o coitadinho estava perdendo peso e ninguém sabia o motivo.

Minha avó foi chamada para ir rezar o terço e pedir pela vida do bebezinho. Com a benção de Nossa Senhora Aparecida, minha avó arrumou o que precisava e foi para a casa da comadre, que não era muito longe.

Quando lá chegou ela se espantou! Não fazia nem quinze dias que ela tinha visto o bebê saudável e forte, mas agora ele estava muito magro e parecia desnutrido.

Vó Dora começou a sua reza e aos poucos foram chegando outros vizinhos, para pedir as graças de Nossa Senhora pela vida do bebê. Ela rezou a tarde toda e

também à noite. Como ficou tarde para voltar para casa, ela preferiu passar a noite lá mesmo na casa da comadre, assim poderia ajudar a amiga de alguma forma e evitava cruzar novamente com o Lobisomem em seu caminho.

Era madrugada, a comadre estava deitada em sua cama com o bebê ao lado. Vó Dora estava sentada em uma cadeira no canto do quarto, rezando em silêncio em sua vigília. O bebê começou a chorar e a mãe deu o peito para ele mamar. Quem é mãe sabe que nessas horas a gente pega no sono mesmo enquanto amamenta, e foi isso que aconteceu com a comadre, dormiu enquanto o bebê mamava.

Quando ela caiu no sono, Vó Dora presenciou uma cena que ela jamais imaginaria. Uma imensa cobra saiu se arrastando de debaixo da cama da comadre, foi subindo devagar na cama, silenciosa empurrou bem devagar a cabeça do bebê e começou a mamar no peito da comadre, e, para que o bebê não acordasse, a cobra colocava a ponta do rabo em sua boca.

Minha avó ficou imóvel. Continuou suas orações até a cobra estar satisfeita e voltar para debaixo da cama.

Na manhã seguinte a Vó Dora contou tudo que viu para seu compadre que percebeu que embaixo da cama havia um buraco no assoalho, por onde a cobra entrava todas as noites para beber o leite do bebê.

Enquanto a cobra crescia, ficava imensa e era nutrida, o bebê estava adoecendo.

Foi preciso cinco compadres para dar fim àquela imensa cobra. Talvez os defensores dos animais fiquem bravos, mas na roça é questão de sobrevivência: o povo mata a cobra e mostra o pau.

Minha mãe ouviu essa história da boca da minha avó e disse que depois que eu nasci ela não conseguia dormir direito porque tinha medo que alguma cobra mamasse meu leite nas tetas dela.

A gente sabe que uma história puxa a outra, não é mesmo? Falando nisso, certa vez a Vó Dora estava em pé, anotando alguma coisa no seu caderno, e ela sentiu alguma coisa tocando na sua perna, com a impressão que fosse um mosquito, na roça tem muito mosquito! E, sem olhar, ela roçava uma perna na outra para espantar o tal mosquito.

Lá pelas tantas, ela já estava ficando impaciente com a insistência do mosquito, olhou para baixo e viu que na verdade não tinha mosquito não, era uma cobra bem grande querendo subir nas pernas dela. Meu tio Bosco que me contou essa história, não lembra se a cobra era venenosa e também não quis revelar como foi que minha avó se livrou da cobra e ainda ficou viva para contar a história.

Na fazenda em que vivíamos tinha criação de gado da raça Nelore. Esses animais também permitiam um campo fértil para as histórias da roça.

Naquela época nem todo mundo tinha televisão e minha avó às vezes ia para a casa da vizinha para assistir a programação. A casa da vizinha ficava a uma distância de uns 500 metros de distância.

Numa noite a Vó Dora estava voltando sozinha para casa e começou a ouvir uns barulhos entre os pés de manga que tinha no quintal da vizinha. Ela seguiu seu caminho, imaginando que poderia ser algum animal andando no mato, coisa comum ali pelas bandas.

Quando ela estava no quintal da casa dela, que também tinha várias árvores frutíferas, ela ouviu novamente aquele mesmo ruído de farfalhar do mato, só que dessa vez ela ouviu uma bufada e se lembrou dos bois Nelore da fazenda, que não eram nada amigáveis. Ela imaginou que algum deles poderia ter escapado pela cerca do pasto.

Vó Dora apertou o passo para chegar mais rápido em casa, mas antes que ela conseguisse chegar, ela viu em meio aos pés de fruta do quintal um boi branco imenso com a corcova preta e dois chifres enormes.

Ele não era um boi comum, minha vó dizia que era um boi encantado, muito maior do que os bois da fazenda e com os olhos de fogo!

Ele roçava uma pata dianteira no chão, como se estivesse se preparando para atacá-la e bufava fazendo um som bem forte.

Minha avó conta que suas pernas ficaram paralisadas, ela simplesmente não conseguia se mexer nem falar nada. Quando ele se preparava para atacá-la, meu tio Baca apareceu e puxou minha avó para dentro de casa.

Um boi encantado! Uma beleza dessas não é todo dia que se vê por aí.

As histórias da minha avó me permitiam acessar esse universo maravilhoso e encantado para que eu inventasse os meus próprios castelos, sou grata por isso!

Quando minha avó Dora tinha 83 anos, ela ficou muito doente e tinha que passar um bom tempo deitada em sua cama, isso causou muitas feridas em seu corpo, pois o atrito da pele com a cama machuca a ponto de criar buracos profundos. Mesmo com todo o carinho e cuidados da família, a Vó Dora estava sentindo muita dor e passando por um longo período de sofrimento.

Nessa época morávamos em cidades diferentes, com uma distância de 200 quilômetros entre elas e eu já era adulta, com 28 anos. Em uma das visitas que fiz à ela, eu levei um livro de contos. Eu ainda não era contadora de histórias, mas os contos já chamavam há algum tempo, então eu sempre tinha um livro de contos comigo.

Quando vi que minha avó estava muito abatida e triste, sem saber muito como amenizar seu sofrimento, perguntei a ela se ela gostaria que eu lesse uma história. Ela sorriu, acendeu os olhos e disse que sim. Sentei ao lado dela na cama, apertei sua mão, olhando bem nos seus olhos e sorri de volta. Mostrei a ela o livro, ela acariciou a capa, gostou da textura e me perguntou qual história eu ia ler para ela. Esse foi o momento em que pude retribuir todas as histórias que ela me contou.

- Vó, a história é essa aqui: Notícias do Céu:¹¹

Era uma vez uma viúva que voltou a se casar.

Certo dia, enquanto seu marido trabalhava, um mendigo manco bateu à porta e pediu uma ajuda.

A mulher, que gostava muito de conversar, perguntou-lhe de onde vinha. O mendigo, animado com a perspectiva de conseguir uma boa esmola, disse:

- *Venho do Céu, com a permissão de Deus. Quero ver se arranjo aqui na Terra algumas coisas que facilitem minha vida lá em cima.*

A mulher reagiu surpresa:

- *Quer dizer que os habitantes do Paraíso também passam necessidade?*
- *E como, senhora! - o mendigo exclamou. - Nem mesmo no Céu existe igualdade de direitos. Lá, os que têm muito vivem melhor do que os que têm pouco... Exatamente como aqui.*

A mulher ficou pensativa por alguns momentos. Por fim, disse ao mendigo:

- *Meu primeiro marido deve estar por lá, pois era um homem bondoso e sábio. Talvez o senhor o conheça.*

¹¹ CAMILLO, Yara Maria (seleção, tradução e prefácio). **Notícias do Céu**. In: Contos Populares Espanhóis. São Paulo: Landy Editora, 2005. p. 23-27.

- Talvez - o mendigo repetiu, com gravidade. - Como é o nome dele?

- Pello Bidegain - disse a mulher.

O mendigo sorriu:

- Claro, como não haveria de conhecê-lo se ele é justamente o meu melhor amigo!

- Que incrível coincidência! - a mulher exclamou encantada.

- Pois estou lhe dizendo, senhora. Lá em cima, eu e seu primeiro marido somos como unha e carne.

Ansiosa, a mulher pediu:

- Então, dê-me notícias de meu Pello Bidegain. Como é que ele está?

- Infelizmente, não muito bem - o mendigo respondeu, meneando a cabeça com uma expressão de pesar. - Para ser franco, Pello Bidegain ainda em sérias dificuldades.

- Que tipo de dificuldades, senhor?

- Financeiras, senhora... Anda sempre mal vestido e nunca tem dinheiro para nada, nem mesmo para as necessidades mais básicas.

- Pobre querido - a mulher murmurou. De súbito, teve uma ideia: - Diga-me, o senhor não poderia levar algumas coisas para ele?

- Claro que sim!

- Então, espere um minuto, por favor.

A mulher entrou em casa e logo voltou com muitos presentes para o falecido:

- Aqui estão dois pares de sapatos e algumas peças de roupa: calças, meias, camisas e também a boina da qual Pello Bidegain nunca se separava. O pobrezinho deixou tudo aqui, antes de ir para o Céu. Naturalmente, nem de longe poderia imaginar que a vida lá em cima fosse tão parecida com a que levamos aqui na Terra.

- É mesmo senhora. Ninguém adivinharia. - Então o mendigo perguntou: - A senhora não teria também algo para comer?

- Claro que sim. - E a mulher explicou: - Providenciei um pouquinho de toucinho, chouriço, queijo e alguns pães.

- Está ótimo, senhora. Aposto que Pello Bidegain ficará muito feliz. Mas, depois de se vestir condignamente e saborear todas essas delícias, com certeza deseja coroar a refeição com um bom vinho.

- E o senhor acha que já não pensei nisso? - Sorrindo, a mulher entregou-lhe três garrafas do melhor vinho que tinha em casa.

- Ah, minha senhora, Pello Bidegain ficará tão agradecido!

O mendigo guardou tudo num grande saco que trazia às costas. Já se preparava para ir embora, quando ocorreu-lhe uma nova ideia.

- *A senhora não teria também algum dinheiro para mandar a Pello Bidegain?*

- *Pois era justamente nisso que eu estava pensando.*

A mulher deu ao mendigo uma moeda de cinquenta pesetas e pediu:

- *Entregue-a para ele, por favor. Diga-lhe que o amo mais do que a qualquer outro homem, inclusive mais do que a Mikel, que é meu atual marido.*

- *Eu direi, senhora.*

Assim, o falso enviado do Céu partiu, coxeando, curvado ao peso dos presentes que levava. Estava tão feliz, que até sentia vontade de dançar ao som de castanholas.

Enquanto isso, Mikel, o segundo marido da mulher, voltava para a casa. Ao vê-lo, a esposa disse radiante:

- *Você nem imagina o que aconteceu.*

- *O que foi? - o marido perguntou com estranheza. - Porque tanta euforia?*

- *É que tive notícias do meu querido Pello Bidegain. Soube que ele está no Céu... Mas não tão bem quanto eu imaginava.*

- *Você diz cada disparate, mulher. O Céu é o lugar ideal para as boas almas que partiram deste mundo. Se Pello Bidegain foi para lá, não poderia ter melhor sorte.*

- *Acontece que a vida lá em cima é muito parecida com a vida aqui embaixo.*

Intrigado, o marido perguntou:

- *Mas, afinal, quem foi que lhe deu esta notícia?*

- *Um mendigo manco que desceu do Céu com a permissão de Deus - a mulher respondeu. - Aliás, ele foi muito gentil e aceitou levar algumas roupas, alimentos, vinho e dinheiro para Pello Bidegain, que está passando necessidade, pobrezinho.*

Compreendendo o que havia acontecido, Mikel saiu de casa. Munido de um grande bastão, montou seu cavalo e já ia partir, quando a mulher gritou:

- *Ei, aonde você vai?*

- *Também tenho um presente para aquele enviado do céu - ele respondeu sem se voltar. - Mas preciso correr se quiser alcançá-lo.*

Enquanto galopava, Mikel ia pensando na surra que daria naquele mendigo mentiroso e aproveitador.

Mas o mendigo, astuto como uma raposa, já esperava por represálias. Caminhava pela estrada receoso e a toda hora olhava sobre os ombros para ver se alguém o seguia.

A certa altura, avistou o cavaleiro a galope, levantando uma nuvem de poeira.

Agindo com rapidez, o mendigo escondeu o grande saco atrás de uns arbustos e sentou-se à beira do caminho.

Quando Mikel o viu, fez com que o cavalo parasse e perguntou:

- *Você viu um mendigo manco, levando um enorme saco nas costas?*

- *Sim, senhor. Eu o avistei ainda há pouco. Percebi até que ele estava assustado, pois volta e meia olhava para trás e corria, arrastando a perna direita. E quanto mais olhava para trás, mas depressa o pobre diabo tentava correr. Por fim, acabou entrando naquela trilha cheia de espinheiros. Mas aposto que não conseguirá chegar muito longe, por ali. O senhor não terá dificuldade alguma em alcançá-lo.*

- *Acontece que a trilha é estreita demais para meu cavalo.*

- *Então va a pé, senhor. E vá tranquilo, que eu tomarei conta do animal.*

- *Nesse caso, eu lhe agradeço.*

Enquanto Mikel se embrenhar na trilha, o mendigo pegou o saco que havia escondido, pendurou-o na sela, montou o cavalo e partiu, congratulando-se com o destino. Decididamente, aquele era o seu dia de sorte.

Horas depois, Mikel voltou para casa, triste e abatido. Mas fingiu-se muito calmo, até alegre, para que a mulher não o importunasse com perguntas que ele não gostaria de responder.

Ao vê-lo entrar, ela disse:

- *E então? Conseguiu alcançar o mendigo?*

- *Claro.*

- *E o que foi que você lhe deu?*

- *O cavalo... Para que chegasse mais rápido no Céu.*

A cada passagem da história a vó Dora se exaltava, fazia comentários e ríamos juntas. Por alguns minutos esta história transportou a Vó Dora para outro lugar e para outro estado de existência. Ela se esqueceu da dor e se entregou ao poder da história. E eis aqui, mais um conto remédio com o qual brindamos nosso último abraço.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de pesquisa e estudos para que eu pudesse bordar os fios deste trabalho foi uma espécie de sessão terapêutica pessoal, onde pude trazer foco às minhas experiências para analisar algumas perspectivas e pensamentos sobre o poder dos contos.

Estes foram os primeiros passos em busca de uma escrita poética, uma escrita pessoal para um texto acadêmico, um grande desafio para mim porque eu acreditava que tinha a tendência a um pensamento mais linear, devido às minhas experiências de vida e formação tecnicista. Em alguns momentos eu me surpreendi com espaços poéticos tocados pelos meus textos e isso me trouxe novos ânimos para continuação e ampliação desta pesquisa no futuro.

Abordar a arteterapia com contos neste trabalho foi a forma que encontrei de unir duas vertentes da minha vida que me fazem muito bem: os contos e os processos terapêuticos e acredito que essa proposta contribuiu sobremaneira para ampliar as percepções sobre minha assinatura artística como narradora, bem como sobre minhas relações familiares e profissionais.

O processo de resgatar as histórias de Vó Dora foi fundamental para compreensão de uma potência poética e narrativa que mantenho o desejo de aprofundamento futuro. Meu desejo de escrivência, resgate e homenagem se estende a outros ancestrais, avô e avó maternos e também meu avô paterno, que deixaram um legado muito bonito de histórias de trajetórias de vida. É uma proposta para um próximo curso de extensão.

Outra janela que surgiu neste trabalho como possibilidade de nova pesquisa foi a partir da percepção de que a maioria das histórias que ouvi na minha infância permeiam o lugar do medo, da assombração, dos mistérios dos seres encantados. Recentemente fiz uma viagem para Pouso Alegre, em Minas Gerais, e conversando com algumas pessoas de lá, também tive a percepção de que as histórias de medo permeiam esse ambiente rural. As pessoas da roça tem grande repertório de histórias horripilantes. E assim se aponta outra possibilidade de pesquisa futura.

Sigo persistindo para compreensão das possibilidades que as histórias me oferecem, para que eu também possa espalhar belezas pelo mundo.

Gratidão! Axé! Evoé!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIRD, Margarida. **Contando e aprendendo**. In: GIRARDELLO, Gilka, (org.). Baús e chaves da narração de histórias. 2. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

CAMILLO, Yara Maria (seleção, tradução e prefácio). **Notícias do Céu**. In: Contos Populares Espanhóis. São Paulo: Landy Editora, 2005. p. 23-27.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GIORDANO, Alessandra. **Contos que curam: a tradição oral como fonte de trabalhos arteterapêuticos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

PAMPLONA, Rosane. **Novas histórias antigas**. 6. impr. São Paulo: Brinque-Book, 2006.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. 1. impr. Osasco: BMF Gráfica e Editora, 2021.

MELLON, Nancy; RAMSDEN, Ashley. **Corpo em equilíbrio: o poder do mito e das histórias para despertar e curar as energias físicas e espirituais**. Tradução Márcia Epstein Fiker. 1. ed. São Paulo : Cultrix, 2010. 333p.